



## Via Digital Motors

Lucia Camargo Nunes (\*)

### Médio Ora 5 mira SUVs compactos

A GWM iniciou as vendas do Ora 5 no Brasil em versão única, posicionando o modelo no segmento de SUVs médios. O preço é de R\$ 159.000, o que o coloca na briga pelo segmento de SUVs compactos.

A estratégia é desassociar o Ora 5 do Ora 03, classificado como um compacto de nicho. Para reduzir a aproximação de preços, o Ora 03 na versão BEV58 passou por um reposicionamento, com bônus que reduz seu preço em R\$ 20 mil sobre a tabela anterior, passando a custar R\$ 149.990. Ambos utilizam a mesma bateria de 58 kWh, mas o Ora 5 dispõe de um motor elétrico mais potente, de 204 cavalos e 26,5 kgfm de torque, com tração dianteira.

A bateria oferece autonomia de 349 km no ciclo Inmetro. A aceleração de 0 a 100 km/h ocorre em 7,7 segundos, com velocidade máxima de 170 km/h. O carregamento em corrente contínua suporta até 120 kW, indo de 30% a 80% em 20 minutos. O SUV possui 4,47 metros de comprimento, 2,72 m de entre-eixos e porta-malas de 362 litros. No interior, traz multimídia de 14,6" com sistema Coffee OS 3. A tecnologia engloba condução semiautônoma nível 2+ e 6 airbags.

A rede de 130 concessionárias adota preço único de peças. Como argumento, oferece garantia de 5 anos e recompra por 80% da tabela Fipe em financiamentos pela marca. O lote inicial do novo GWM Ora 5, composto por mais de 2.000 unidades, esgotou em apenas 24 horas de vendas.



GWM Ora 5.

### Volkswagen planeja reestruturação com fechamento de fábricas

A Volkswagen analisa um plano de cortes que pode causar a demissão de até 100 mil funcionários no mundo, de acordo com o jornal Financial Times. Caso confirmada, a medida representaria a eliminação de quase um sexto da força de trabalho global da montadora, que hoje soma 625 mil empregados, configurando um dos maiores movimentos da indústria automotiva.

O planejamento de médio prazo prevê o risco de encerramento de quatro fábricas na Alemanha. As unidades de Hannover, Zwickau e Emden, além da fábrica da Audi em Neckarsulm, estão sob avaliação de fechamento. A decisão afetaria diretamente os polos de fabricação de veículos elétricos do grupo.

### Big Horn é a nova versão da Dakota

A Ram anunciou a expansão da linha de picapes médias com a introdução da versão inédita Dakota Big Horn. A configuração torna-se a nova opção de entrada da família Dakota no Brasil, comercializada por R\$ 249.990 na modalidade de venda direta.

O modelo integra o portfólio da primeira picape média da marca desde a separação corporativa em 2009. A novidade complementa o catálogo já composto pelas configurações Warlock, Laramie e Laramie Night Edition.

Segundo a fabricante, a picape feita na Argentina chega ao mercado como a opção média de entrada mais completa da categoria e já está liberada para reservas nas concessionárias, enquanto as demais seguem com pronta entrega.



Ram Dakota Big Horn.

### MG Motor confirma produção no Ceará

A MG Motor oficializou o início da montagem de seus veículos no Brasil até o fim de 2026, com a primeira fábrica da América do Sul estabelecida em Horizonte (CE). A operação será viabilizada em parceria com a Planta Automotiva do Ceará (Pace), da Comexport, com aportes totais de R\$ 400 milhões destinados à adequação tecnológica e pesquisa.

A unidade estima produzir 50 mil veículos ao longo dos próximos quatro anos, gerando aproximadamente 600 empregos na região. O cronograma começará com os elétricos MG4 Urban e MGS5.

O plano estratégico prevê ainda a futura integração de novos modelos e o desenvolvimento de tecnologia flex no país.

### Baic focará em híbridos

O executivo Oswaldo Ramos confirmou para o portal Motor1 que a nova marca chinesa Baic direcionará sua operação no Brasil para automóveis com tecnologia híbrida plug-in.

Durante a estruturação da montadora no país, o executivo indicou que o mercado nacional ainda carece de infraestrutura adequada para sustentar a adoção de veículos 100% elétricos de forma generalizada entre os consumidores. Um dos modelos confirmados a chegar neste semestre é o SUV Arcfox T1, com tecnologia híbrida plug-in.



BAIC Arcfox T1.

(\*) - É economista e jornalista especializada no setor automotivo, editora do portal [www.viadigital.com.br](http://www.viadigital.com.br) e do canal [@viadigitalmotors](https://www.youtube.com/@viadigitalmotors) no YouTube. E-mail: [lucia@viadigital.com.br](mailto:lucia@viadigital.com.br)

## Carreiras das pessoas desenvolvedoras estão mudando e exigindo novas habilidades

À medida que o mercado de trabalho muda, saber como orquestrar agentes e sistemas está se tornando o novo diferencial competitivo para os desenvolvedores. De ler grandes manuais de programação a implantar software com ferramentas de codificação e copilotos de IA, as carreiras das pessoas desenvolvedoras mudaram ao longo das últimas décadas. Uma evidência de como a IA agora faz parte da sua rotina é que quase 80% dos novos programadores no GitHub utilizam o GitHub Copilot durante a primeira semana, de acordo com o relatório Octoverse 2025. O uso de um copiloto no processo de revisão também impactou a produtividade, já que quase 73% das pessoas desenvolvedoras afirmaram que ele melhorou sua eficácia. Esse uso reflete uma mudança no papel deles, à medida que eles se tornam orquestradores entre repositórios, ferramentas e agentes de IA.

No passado, práticas como aprender novas habilidades, revisar e implantar código, projetar sistemas e proteger software dependiam de trabalho manual e conhecimento técnico. "Por décadas, escrever código era considerado a parte difícil, e um bug podia levar meses e uma equipe inteira para ser corrigido", afirma Julio Viana, gerente regional do GitHub no Brasil. "Hoje em dia, com a ascensão dos copilotos de programação, é possível resolver bugs em questão de minutos e usar o tempo das pessoas desenvolvedoras para focar em habilidades interpessoais. Como resultado, aprender a orquestrar ferramentas de IA será uma das competências determinantes no futuro."

Um exemplo de orquestração é delegar o raciocínio durante a investigação de uma implantação mal-sucedida.

As pessoas desenvolvedoras podem usar um agente de IA para analisar logs, identificar a causa raiz e sugerir correções, permitindo que foquem na validação da recomendação e na definição dos próximos passos. Os agentes de IA também estão ajudando equipes a monitorar fluxos de trabalho e melhorar a confiabilidade dos sistemas de forma proativa, reduzindo trabalhos operacionais repetitivos.

No entanto, isso não indica que os profissionais irão delegar completamente a programação à IA, e os números comprovam isso. De acordo com o mais recente Innovation Graph do GitHub, os brasileiros enviaram código para o GitHub mais de 11,5 milhões de vezes apenas no último trimestre de 2025. As pessoas desenvolvedoras ainda precisarão colocar a mão na massa, mas a mudança é principalmente em termos de carreira e na forma como definem seu valor. As expectativas em torno da função estão migrando para adaptabilidade, resolução de problemas, capacidade de conectar o desenvolvimento de software às necessidades do negócio e aprender a delegar.

Em meio a essa transformação, as curvas de aprendizado também estão mudando. Enquanto os pontos de entrada tradicionais estão se tornando automatizados, novas oportunidades de aprendizado para pessoas desenvolvedoras estão surgindo em torno do design de sistemas, revisão de código gerado por IA e da capacidade de orientar ferramentas inteligentes de forma eficaz. A IA também está se tornando parte do processo de aprendizado. Por exemplo, os profissionais podem pedir aos copilotos que expliquem uma lógica de negócios complexa em Java usando Python,

tornando mais fácil aprender linguagens desconhecidas.

Segundo Viana, embora essas mudanças e expectativas tenham evoluído ao longo das décadas, o julgamento humano continua sendo um ativo importante nas equipes de engenharia. À medida que as ferramentas de IA tornam mais fácil gerar código e software em escala, as pessoas desenvolvedoras estão cada vez mais lidando com uma abundância de resultados que podem parecer funcionais e refinados, mas que ainda exigem validação técnica, compreensão contextual e pensamento arquitetural, fenômeno que passou a ser conhecido como "AI slop" e "Vibe Slop", também relacionado ao Vibe Coding.

Dessa forma, validar os resultados gerados pela IA, conectar decisões técnicas às prioridades de negócios e garantir a confiabilidade ao longo de todo o ciclo de desenvolvimento tornam-se algumas das tarefas e responsabilidades essenciais para os profissionais que navegam nesse cenário.

"Pessoas desenvolvedoras ainda precisarão de forte conhecimento técnico, mas seu papel está se expandindo para além da escrita de código. Saber como orquestrar ferramentas e agentes, gerenciar código e ser um profissional adaptável, curioso e orientado para soluções é o que continuará abrindo portas no futuro. À medida que os resultados gerados por IA se tornam mais comuns, a capacidade de distinguir o que é tecnicamente confiável, relevante para o negócio e realmente valioso se torna cada vez mais importante. Dessa forma, o julgamento humano continua sendo uma habilidade importante, mesmo após décadas de mudanças no mercado", afirma Julio.

## Consumidores de baixa tensão podem reduzir a conta de luz em até 18%

Lei 15.269/2025 estende a comércios, indústrias e residências o direito de escolher o fornecedor de energia e negociar preços, hoje restrito às grandes empresas.

A possibilidade de pagar menos pela energia deixou de ser exclusividade das grandes empresas. Com a Lei 15.269/2025, comércios, pequenas indústrias e, em seguida, residências poderão escolher seu fornecedor de energia e negociar preços diretamente, uma migração que, segundo projeções do setor, pode gerar economia de até 18% na conta de luz dos consumidores de baixa tensão.

Pela regra, comércios e indústrias de baixa tensão poderão migrar para o mercado livre até novembro de 2027, e os consumidores residenciais até novembro de 2028. Na prática, o direito de escolher de quem comprar energia, hoje restrito a quem é atendido em alta e média tensão, passa a se estender a toda a sociedade, em um modelo comparável ao da portabilidade no setor de telecomunicações.

O movimento se apoia em um mercado já consolidado. O ambiente de contratação livre responde por cerca de 43% de toda a eletricidade consumida no Brasil e somava aproximadamente 85 mil participantes ao fim de 2025, segundo a Câmara de Comercialização de Energia (CCEE).

Para Tiago Fassbinder, gestor de consumidores da Spirit Energia, a chegada da baixa

tensão ao mercado livre desfaz a ideia de que se trata de um ambiente reservado a grandes consumidores. "Durante anos, repetiram que o mercado livre era coisa de grande indústria. A Lei 15.269 enterra esse mito. O pequeno comércio e, em breve, a casa do consumidor terão o mesmo direito que as grandes empresas sempre tiveram: escolher de quem comprar energia, por qual preço e de qual fonte. Isso não é privilégio, é concorrência, e concorrência sempre beneficia quem paga a conta", explica.

No novo modelo, o consumidor passa a negociar diretamente preço, volume, prazo e fonte da energia, incluindo a opção por fontes renováveis. A lei também cria instrumentos de segurança para a transição, como o Supridor de Última Instância (SUI), agente responsável por garantir o fornecimento em situações excepcionais, e prevê um produto e preço de referência para a baixa tensão, que facilitará a comparação entre as ofertas das comercializadoras.

A transição, contudo, exige preparo. A migração depende da contratação de uma comercializadora varejista, responsável por assessorar a mudança e gerir o contrato, e a abertura está condicionada ao cumprimento de pré-requisitos regulatórios e operacionais definidos pela ANEEL. Por isso, especialistas reforçam que a análise de viabilidade e a gestão contratual são determinantes para que a economia esperada se concretize.